

C LIBERAL

Belém / PA

18/06/1984

29

Dentro de três meses começará a ser formado o reservatório da hidrelétrica de Tucuruí. Em dezembro, a primeira máquina estará funcionando. É possível que o responsável pela obra esperasse uma recepção festiva e eufórica nessas datas: afinal, hidrelétricas estão sempre associadas ao progresso. O que está acontecendo, porém, é um intenso questionamento da importância de Tucuruí. Algumas correntes estão até pretendendo embargar o fechamento das comportas e adiar o início da fase operacional da usina.

Numa carta escrita para responder ao artigo "Antes, depois", publicado nesta coluna, o assistente da presidência da Eletronorte, Maurício Esteves Coelho, diz lembrar-se de ter ouvido, na antiga Câmara dos Deputados, "severas críticas quando da construção da usina de Paulo Afonso, no Nordeste. Ouvi certa vez, na "Voz do Brasil", um deputado criticar Paulo Afonso com a argumentação de que sua energia só serviria para energizar bode. Passados mais de 30 anos, a realidade é bem diferente. Inclusive Belém é energizada pela Chesf".

Diante das críticas recebidas pela Eletronorte, Maurício Coelho pergunta "se era melhor que Belém ficasse com um serviço de energia elétrica idêntico ao do ano de 1979, quando assumimos a geração das térmicas de Belém". Ele admite que a eletricidade, sozinha, "não será suficiente para promover o desenvolvimento", mas cita um exemplo dos benefícios decorrentes do funcionamento da usina: a arrecadação de IUEE (Imposto Único sobre Energia Elétrica) do Estado aumentará em aproximadamente 33% (em 1984 esta receita deverá atingir 13 bilhões de cruzeiros, o que significa que Tucuruí representaria um incremento de 4,3 bilhões de cruzeiros). O assistente da presidência da Eletronorte refere-se ainda aos benefícios educacionais (14 mil crianças matriculadas nas escolas de Tucuruí) e aos 21 mil empregos diretos que foram criados.

Ele garante que as ações desenvolvidas pela Eletronorte no setor de meio ambiente não encontram precedentes na história da hidreletricidade: "É lógico que tudo que se faz é questionável, mas buscamos ter neste trabalho a elite dos cientistas brasileiros disponíveis e, por isto mesmo, trabalhamos com várias instituições nacionais. Não temos por hábito discriminar pessoas e entidades brasileiras".

Maurício Coelho não tem dúvida de que todas as populações deslocadas, em consequência da inundação da área do reservatório, "mereceram da Eletronorte todo apoio que foi possível dar. As cidades construídas pela Eletronorte — e já entregues à população — serão dotadas de serviços de água encanada, esgoto, luz elétrica e bens comunitários". Com ironia um tanto força-

da, Maurício reconhece que as casas "evidentemente não são mansões idênticas às do Morumbi", mas acha que, numa região como a amazônica, a existência de esgoto e água encanada em todas as casas não pode ser minimizada.

A Eletronorte nada teve a ver com o aproveitamento econômico da madeira que será inundada com o represamento do rio Tocantins, embora esteja convencida de que não é econômico retirar a madeira. "Aliás, a Eletronorte está gastando alguns bilhões para desmatar a área contígua à barragem. Os empresários estão enterrando a madeira, apesar de ter direito a comercializá-la. Não me consta que homens de negócio com larga experiência tenham vocação para rasgar dinheiro, jogá-lo fora ou, literalmente, enterrá-lo, acrescenta Maurício.

Informa ele, com relação ao aproveitamento de terras, que o Inpa realizou um "intenso trabalho" sobre a aptidão agrícola dos solos "e que a relocação da população rural esteve sempre norteadada pela sua vocação agrícola". Quanto às observações feitas na coluna sobre o reflorestamento às margens do reservatório, o assessor limita-se a dizer que "é recomendado que se mantenha a floresta, posto que a mesma auxiliará a conter erosões".

Diz Maurício Coelho que os estudos sobre piscicultura em poder da Eletronorte catalogaram aproximadamente 300 espécies, "sendo que a grande maioria é de peixes de águas paradas, não tendo a Eletronorte, até o momento, nenhuma recomendação científica para que seja construída uma escada de peixes".

Maurício acha "paradoxal" que esta coluna "defenda intransigentemente a construção das eclusas como se elas não dependessem da construção da hidrelétrica".

Em outra carta, ele contesta a afirmativa de que a concepção básica de Tucuruí buscou simplesmente maximizar o aproveitamento de energia, prejudicando o múltiplo aproveitamento do rio Tocantins. Maurício anexa cópia xerox de duas páginas do relatório de 1976 para tentar demonstrar que a decisão sobre o nível de depleção na área do reservatório não visou "o maior ganho de energia". Foi adotada alternativa intermediária, entre seis possíveis, que significa uma depleção de 14 metros entre o nível máximo (72 metros) e o nível mínimo (58 metros) das águas do rio Tocantins. Por isso, o nível escolhido — afirma Maurício — "permitirá a navegação franca até Marabá".

Na outra carta, Maurício diz que a Eletronorte não tem pretensão à perfeição, mas que está fazendo "tudo o que é possível para minimizar os impactos que a construção da hidrelétrica de Tucuruí trará ao meio ambiente". Esta é uma declaração que precisa ser ainda checada.